

Um dia acordei com uma voz diferente da minha. Senti-me levantado na selva, havia cheiro e cânticos, um modo de dizer a que não estava acostumado e depois tudo me parecia próximo, o mocho e a árvore, o burrico da menina atravessando o caminho. Havia olho de animal bravo e eu fazia pão do fruto seco e olhava soprar o vento da montanha para ouvir a minha deusa. Um dia viajei longe às terras vermelhas e à cidade dos livros e um homem sábio ensinou-me as letras e entregou-me as grandes folhas que eu guardo na cabana. Deixo-as à sombra e gosto de desenhar com a luz da candeia as cores que encontro espalhadas no pó e em alguns frutos da selva. Hoje ouvi o canto do pássaro vadio e a minha deusa deixou ficar as palavras.

Antes fosse uma frase, um pedúnculo, um exclamativo, bicheza a roncar da moita, resvalo do estribo, erva-moira ou venenosa, um chisco de coisa boa, essa asa que eu tenho no meu dormir e sai comigo a vadiar. Digo os segredos com a voz anoitecida e isso são também os meus desenhos e o jeito que o homem sábio ensinou. Vou olhando as linhas e entro nos veios, atravesso um grande rio. As plantas têm bicho de carne ou só um destino, pode ser um sinal, o vento súbito que abre as portas. Vou entrando e penso que há pouco deve ter nascido o tempo. Atravesso a escuridão com a minha dúvida, parece água a cair.

Aventura e manha, coisa de enguiço que parece flutuar a moda e segue a empinar o nariz da gente, simpatia da sola, feitiço do minguante. Ó sol do pássaro vadio, vem irmão, canta aí a pedra fina. Ó, meu olho pequeno, estrada que salta, parece nuvem a cabrinha na estrada. Ah, não me perco agora que estou vendo o desmando da ruidez, meu sarilho e vou calando a sombra, música bonita, sono a dar aqui na fonte da quebranteira. É casa pequena a pousar o calor nos pés.

Vem no alto do gomo verde irrompendo o casaco da friagem. Vem chegando e saindo desse casulo e salta no ar, atira a seiva ao meu caruncho, à cara da gente e eu tremo dessa vagabundagem de pistoleiro e bicho ruim e agora, depois da manhã silente como um fósforo, canto a água do charco, uma rã cheia de histórias e a velha onça que passava como um espectro de todos os segredos ou de todos os livros. Ó, guarda-me nesse silêncio de pequena goiva. Eu queria nascer contigo e molhar uma corola na pinga que escorre e olhar a nuvem, amar esse azul que vem do calor e dizer o canto velho deixando o aviso, o tropel dos campos de batatas, a guerra da fome, a língua da nossa mãe.

Terra pequena, meu fogo da noite, leva daqui essa importância de condes e cavaleiros, essas torres de ouro e bechamel, esse nojo de arquitectura e mina de explosão, esses bigodes torcidos como crina de cavalo, esse esterco de invasão, esse mal dos impérios e dos vales da peste. Deixa ficar meu pequeno pássaro com a mãe de deus chorando lágrima de santa na camisa de sangue, no buraco da bala. Que tristeza se canta neste pobre sertão.

Hoje há um pouco de chuva, a pinga gorda. Vem, bicho, podemos falar na folha e depois escorregamos, tu voas e um bater de asa faz o contente de ti. Estou abrigado, tem cuidado na arcada do violão. Ah, meu velho amigo, vens chegando e o céu com ar de nuvem satisfeita engorda a chuva. Tantas cidades ao longe e aqui só um pouco de erva, a pastagem, verso mínimo. Agora vou à beira do charco e vejo mal. A estrela conta uma história, diz a borboleta e eu faço de conta que pode haver uma fábula, a cafeteira e talvez um pouco de chá e depois ponho-me à escuta, aparecem coisas bonitas, sons que eu nem conhecia.